

# Revista Brasileira de Ciências Humanas

Data de aceite: 10/09/2025

## O TRÁGICO NIETZSCHIANO NA OBRA DE ARTE AUTORRETRATO COM A ORELHA CORTADA DE VINCENT VAN GOGH

**Márcia Saori Câmara Kishi**

Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará- UEPA e Pedagogia pela Universidade de Santo Amaro. Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí - UFPI; Especialista em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva pelo Instituto Federal de Roraima - IFRR; Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica pela FAVENI. Pós-Graduanda em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas- UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3447-5601>

Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).



**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar a obra de arte de Vincent Van Gogh e relacioná-la com o conceito de trágico nietzschiano sobre a dor. Foi analisada a obra “Autorretrato Com A Orelha Cortada” para estabelecer um diálogo com o pensamento nietzschiano sobre a dor e como esta pode se configurar como um mecanismo que edifica o indivíduo. A ideia de relacionar o filósofo e o pintor partiu da semelhança que os dois tinham na forma como lidavam com a dor. Mesmo tendo angústias na vida, não se deixavam levar pelo sofrimento, buscavam maneiras de transformar toda a angústia da vida com um novo jeito de pensar e agir. Portanto, este trabalho busca analisar esse conceito trágico nietzschiano na obra do pintor e compreender o trágico na obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dor, Trágico, Nietzschiano, Arte, Mecanismo.

## INTRODUÇÃO

Na obra *O Nascimento da Tragédia*<sup>1</sup>, Friedrich Nietzsche<sup>2</sup> argumenta sobre a importância da dor e do sofrimento como um elemento significativo para a vida, pois, segundo o referido filósofo, a dor faz o indivíduo se edificar e ter uma nova forma de pensar e agir. Este trabalho terá como objetivo analisar a obra de arte pintada por Vincent Van Gogh, efetuando uma pesquisa sobre ela por meio de suas obras e vida do pintor. Assim, podemos analisar e relacionar o conceito de trágico nietzschiano com a obra do pintor holandês.

Há uma grande relação entre Nietzsche e Van Gogh: ambos moravam na Europa no séc. XIX e não obtiveram reconhecimento expressivo em vida, mas somente depois da morte. Nietzsche e o pintor poderiam ser facilmente grandes amigos, com o tipo similar de vida que viviam, pois, em meio a tanto sofrimento, ainda conseguiam extrair da vida profícias lições e transformar a dor em arte.

<sup>1</sup> Primeira obra de Nietzsche, publicado em 1872.

<sup>2</sup> Filósofo e filólogo alemão (1844-1900) do século XIX.

O conceito de trágico nietzschiano para o filósofo aponta para a concepção de que a dor e o sofrimento são importantes para se almejar um caminho de transformação. Mesmo diante de dissabores e angústias, estes podem ser condições para a percepção de si e do mundo que nos cerca. Dessa forma, podemos tentar compreender e associar o que ambos pensavam na época em que viviam, buscando uma maneira de mesclar o pensador e o artista e analisar as ideias similares nas obras do segundo.

Com base na vida e obras de Van Gogh, pode-se argumentar que o trágico nietzschiano poderiam estar presentes na vida do pintor e isso reforça a ideia que a dor é um elemento indispensável na vida. De certa forma o pintor deixou suas obras como um verdadeiro “diário” expressando sentimentos, seja de alegria e tristezas, através de pinceladas em telas, para transformar todo esse sentimento obscuro em arte. Assim como Nietzsche, Van Gogh também afirmavam que as adversidades da existência podem ter um ponto positivo para a vida, pois em uma de suas cartas escritas para seu irmão em 1883, Van Gogh escreve que o trágico está em todo lugar e transforma a dor em algo belo na vida.

Tudo aqui é perfeitamente belo, como eu gosto. Quero dizer que aqui é a paz. Vejo também outra coisa bela: o trágico; mas este trágico está em toda parte, enquanto que aqui não são somente efeitos de Van Goyen que encontramos. (GOGH, 2020, p. 106)

O trágico argumentado em sua supracitada carta, trazem, segundo Van Gogh, uma sensação de que, independentemente da situação, algo de belo há de se fazer presente, mas isto depende em grande parte daquele que observa/sente a situação. O pensamento que Van Gogh expressa traz uma visão filosófica sobre o trágico nietzschiano ser algo essencial na vida, pois reforça que a mesma, e a dor, po-

dem estar presentes em todos os lugares e, nos mesmos, também a possibilidade de transformação deste trágico em algo belo.

Em *Ecce Homo* e *A Gaia Ciência*, Nietzsche apresenta, na primeira obra, o conceito de amor fati, ou seja, a capacidade de dizer sim à vida, aceitando aquilo que se apresenta como inevitável, mesmo que doloroso; e na segunda obra, o referido filósofo argumenta sobre o indivíduo amar a vida mesmo tendo angústias, reforçando, deste modo, que a postura diante da vida não deve ser a de passividade, de resignação, mas de júbilo e alegria. O amor fati se complementa com a ideia de eterno retorno<sup>3</sup>, pois aquele, comprehende-se, é uma atitude afirmadora de vida, de amar a vida de maneira integral, ou seja, amar o destino, e esse amor é de uma condição que não está ligada apenas em suportar as angústias, mas sim de amar independente das circunstâncias da vida. “Se dermos um consentimento real à vida, que abre as portas para a alegria pura, aceitaremos esse recomeço sem lamentar nada” (LENOIR, 2017, p. 35). Esse consentimento está ligado ao eterno retorno que aponta para um eterno recomeçar diante do dizer sim à vida, deste modo teremos uma verdadeira alegria na vida, autêntica.

Nietzsche e Van Gogh possuem visões similares ao que se refere à aceitação da vida, não importando quais adversidades se apresentem. O filósofo, em relação a dor, argumentava que era um instrumento que podia edificar o homem, pois com a aflição o indivíduo poderia pensar de outras maneiras, mostrando que a angústia faz o homem compreender suas próprias afirmações de vida. Assim também se posicionava Van Gogh, que buscava essa aceitação de vida, bem como compreender sua existência permeada de situações desastrosas que faziam se expressar através

de pinturas, como podemos analisar em sua obra “Autorretrato Com A Orelha Cortada”, que mostrava um pintor deprimido pela vida e sem perspectivas.

Portanto, a pesquisa busca analisar a questão do trágico, segundo a concepção nietzschiana, nas obras do pintor. Dessa forma, podemos chegar à ideia do trágico abordado em pinturas de elevada expressividade e a maneira como a dor estava representada nas mesmas, mas de tal forma que essa amargura tenha representado um elemento fundamental para as obras do pintor, tal como foi para o pensamento de Nietzsche.

## NIETZSCHE E A ARTE

Nietzsche era um grande apreciador da arte, considerando-a como elemento indispensável à própria existência. Para o referido filósofo, o único povo que soube de fato viver de forma satisfatória foi o grego, pois este observou a vida na sua plenitude, sem tentar fugir daquilo que se comprehende como pessimismo. Ao contrário, o povo grego, segundo Nietzsche, era vigoroso e forte pois não negava a parte dolorosa da realidade, percebendo nesta uma fonte inesgotável de sentimentos que conduziam a uma resistência à dor. Não sem motivo, portanto, a estética grega denotar beleza a um apreço à vida incomuns.

Mas esta postura grega fundamentava-se essencialmente em dois aspectos: Apolo (Apolíneo) e Dionísio (Dionisíaco). A junção dessas duas divindades resulta em uma arte, a arte da tragédia grega. Para Nietzsche, juntar o belo com caos e a desordem com a ordem gera a arte, pois a vida deve ser algo que deve ser vivida ao meio feio quanto ao belo, pois nenhum indivíduo vive somente de sentimentos bons, ou ruins, e aparências no mundo.

<sup>3</sup> O conceito de eterno retorno é apresentado pela primeira vez em *A Gaia Ciência* e retomado fortemente em *Assim Falou Zarathustra*. Tal pensamento não será aprofundado neste estudo, apontando-se somente o seu aspecto mais basilar: o eterno retorno é uma provocação filosófica que busca trazer para o debate sobre os valores morais a realidade, o aqui e o agora, ou seja, a vida efetiva, não mais pautada em uma concepção metafísica de supra mundo.

O trágico não pode ser honestamente derivado da essência da arte tal como esta é geralmente entendida, segundo a categoria única de aparência e beleza; somente a partir do espírito da música podemos compreender a alegria na aniquilação apenas se torna claro para nós o eterno fenômeno da arte dionisíaca (NIETZSCHE, 2020, p. 91)

O filósofo, para entender a força da arte grega, buscou o sentido da cultura deste mesmo povo, ou seja, a partir do trágico. Essa arte traz uma espécie de poder que permite ao indivíduo encontrar a afirmação da vida, além da capacidade afirmativa de dizer sim à existência dicotômica, sendo nela capaz de poder compreender tal dualidade que, conforme Nietzsche, não se opõem, mas se complementam e trazem nesta junção a verdadeira essência de obra de arte.

Para Nietzsche, o lado da embriaguez Dionisíaca está ligado com o mundo de sentimentos além da razão, algo que se manifesta, mas que muitas vezes não compreendemos, pois é algo do plano somente da sensibilidade. Esse aspecto da arte também está ligado com o prazer da vida, de ter uma compreensão de que viver também apresenta um lado doloroso, mas esse lado deve ser observado de maneira individual, particular, pois faz parte daquilo que compõe cada indivíduo, daquilo que é intrinsecamente de cada um, da sua construção de vida e percepção das coisas. Por isto é um ato que, por ser de natureza dionisíaca, está para além da razão.

Os gregos cultuavam uma série de deuses e semideuses, os envolvimentos entre eles trouxeram uma grande mitologia: as junções entre lendas e crenças trouxeram, de forma simbólica, grandes explicações para uma realidade universal. Os dois instintos que Nietzsche abordava estavam relacionados aos deuses da mitologia grega, com o equilíbrio entre os dois deuses faziam uma fusão e compreendia a verdadeira arte grega que significava dizer “sim” a vida.

A vida pode ter inúmeros acontecimentos marcados por angústias, mas a arte é capaz de enfrentar toda a dor da vida, podendo dizer sim à vida, pois é na arte trágica que encontramos a coragem diante de um destino, seja ele qual for. O desenvolvimento dessa arte para Nietzsche vem da dualidade dos sentidos, nela podemos observar que existem conflitos entre si e com reconciliação entre elas. A concepção de Nietzsche sobre a arte está ligada diretamente a arte dos gregos e a razão se dá por meios das condições da vida e uma valorização dela sob quaisquer circunstâncias.

Nietzsche se preocupava como a humanidade estava se tornando um lugar sem a arte, portanto sugeria que a vida deveria ter o impulso desses dois deuses para poder encontrar a verdadeira arte, elemento indispensável à existência. Nietzsche afirmava que Apolo e Dionísio não poderiam ser separados, pois sem a moderação desses dois impulsos eram indispensáveis para uma efetivação de afirmativa de vida.

E eles tinham de reconhecer mais até: que a sua inteira existência, com toda a beleza e moderação, assentava num encoberto substrato de sofrimentos e conhecimentos, que lhes era desvelado pelo dionisíaco. E vejam: Apolo não podia viver sem Dionísio! O “títnico” e “bárbaro” era, afinal, uma necessidade tão grande quanto apolíneo! (NIETZSCHE, 2020, p. 34)

Nietzsche observava com preocupação a decadência da arte e, por conseguinte, a do indivíduo, que estava consumindo arte superficial, rasa, sem a devida profundidade. Muitos sujeitos não valorizam ou não enxergam que sem a arte não é possível ter uma vida repleta de abundância, mesmo ela sendo permeada de dor e sofrimento. Segundo Nietzsche, essa volta depois da decadência traz um alívio e um ensinamento: diante das dores pode nascer um novo caminho.

## VAN GOGH E A ARTE

Van Gogh foi um importante pintor que conseguiu deixar diversas obras que atualmente são conhecidas e apreciadas mundialmente. O pintor tinha o irmão mais novo, Théo Van Gogh, como um confidente de suas angústias e alegrias. Apesar de ter tido grandes angústias e sofrimentos na vida, Van Gogh tinha uma vontade de poder fundar um centro artístico em Arles<sup>4</sup> com o amigo Paul Gauguin<sup>5</sup>, mas a ideia acabou não sendo concretizada devido o desentendimento entre os dois.

A sensibilidade de enxergar a vida com um ponto positivo mesmo diante de angústias, fazem do pintor um autêntico artista que conseguia transformar as angústias em inspirações para suas criações artísticas. A maneira de enxergar a vida por um outro ponto de vista confere ao pintor uma percepção sensível e diferente de compreender a vida: esta deveria ser dolorosa, horrenda, como muitos indivíduos a enxergam, mas, ao contrário, tais elementos ditos negativos fornecem, na sua singularidade, a possibilidade de um novo caminho que liga a dor ao belo naquilo que se entende por obra de arte, tal como os gregos faziam, segundo Nietzsche.

O elo que liga a obra de arte com a dor traz uma percepção de que a arte para Van Gogh apresenta um sentimento capaz de superar as dores, e a arte deixa a vida menos dolorosa, pois mesmo diante de uma imagem de ruínas e destruição, a arte possui o poder de transformar tal cenário em algo positivo ou edificante, bastando apenas saber ver e apreciar aquilo que a vida traz na sua potencialidade, multiplicidade e tragicidade.

<sup>4</sup> Localizado no sul da França, na região de Provence. O pequeno lugar serviu como grande parte de cenários de obras artísticas, a maior parte das pinturas feitos com tinta a óleo representavam vários lugares que Van Gogh passava e sentia felicidade e angústias, mas não deixava de pintar.

<sup>5</sup> Amigo de Van Gogh que também era pintor, depois de um tempo as brigas eram constantes e a maneira como cada pintor enxergava a vida eram o suficiente para se iniciar uma discussão e a relação entre os dois serem abaladas.

<sup>6</sup> Nietzsche utilizava o termo de decadência para poder se referir uma determinada cultura estava fadada a passar por um lado mais avançado da vida, um lado que estava sendo processado de forma que todos os sentidos superiores estavam se degradando de forma natural e com isso tudo estava predestinada a passar na vida.

## O TRÁGICO NAS TELAS DE VAN GOGH

Na obra *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche apresentou pontos centrais que afirmavam ser a vida uma verdadeira contradição na qual se faz presente o sofrimento. Para ele, o homem só vai encontrar sua verdadeira afirmação de vida e abundância na vida se for através da arte. Nietzsche e Van Gogh tinham um conhecimento sobre os gregos e como, para estes, e a vida sem arte entraria em uma decadência<sup>6</sup>

O indivíduo sensível à arte lida com a realidade dos sonhos como o filósofo com a realidade da existência; ele a observa atentamente e de bom grado, pois a partir dessas imagens interpreta a vida, com esses eventos se exercita para a vida. Não apenas as imagens agradáveis e aprazíveis ele experimenta com tal compreensão geral; também o que é sério, turvo, escuro, os repentinos entraves, as troças do acaso, as expectativas ansiosas, em suma, toda a “divina comédia” da vida, incluindo o Inferno, passa por ele, não como um mero jogos de sombras — pois ele vive e sofre com essas cenas --, mas tampouco sem aquela fugida sensação de aparência. (NIETZSCHE, 2020, p. 22)

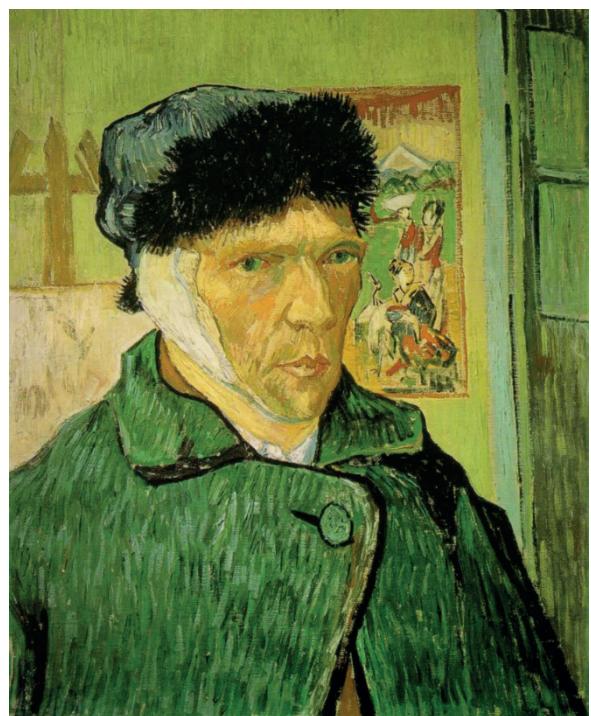
Nietzsche buscou uma maneira de reinterpretar a verdadeira arte e o fez através da tragédia. A arte e o trágico estabelecem uma conexão com a força primordial, ou seja, essa tragédia é um ponto primordial importante na vida, pois o trágico passa a ser entendido como uma força que também pode ser considerada criativa e positiva, pois efetiva uma valorização de vida, mas isso só é possível se o homem tiver uma vivência de situações trágicas.

A arte que Van Gogh pintava representavam as maneiras como o pintor enxergava o mundo e como os conflitos internos se transformavam em arte. A forma como Van Gogh se sentia e assimilava as dores o transformavam em um partícipe do pensamento nietzschiano. A dualidade e a forma como Nietzsche comprehende o sentido de vida ser, além de contradição, algo doloroso, é reafirmado em diversas de suas obras, como em Crepúsculo dos ídolos, na qual ele afirma que o surgimento de uma nova vida, exige também dor, como em um parto:

Somente nos mistérios dionisíacos, na psicologia do estado dionisíaco, expressa-se o fato fundamental do instinto helênico – sua “vontade de vida”. Que garantia o heleno para si com esses mistérios? A vida eterna, o eterno retorno da vida; o futuro, prometido e consagrado do passado; o triunfante Sim à vida, acima da morte e da mudança; a verdadeira vida, como continuação geral mediante a procriação, mediante os mistérios da sexualidade. Para os gregos, então, o símbolo sexual era o símbolo venerável em si, o autêntico sentido profundo no interior da antiga religiosidade. Todo pormenor do ato da procriação, da gravidez, do nascimento, despertava os mais elevados e solenes sentimentos. Na doutrina dos mistérios a dor é santificada; as “dores da mulher no parto” santificavam a dor em geral – todo vir-a-ser e crescer, tudo o que garante o futuro implica a dor... Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade de vida afirme eternamente a si própria, tem de haver também a “dor da mulher que pare” (NIETZSCHE, 2006, p. 75)

As pinturas feitas pelo pintor eram de grande genialidade e de aparências singulares que expressavam sentimentos que iam do desprazer ao prazer, como denotam os traços com cores fortes e no mesmo tempo mostrando um lado paradoxal da existência, que mescla dores e alegrias. O que Van Gogh não conseguia expressar com palavras, fazia-o em pin-

turas, sendo esta sua ponte para a expressão de toda dor e alegria que estavam dentro de si e transformá-las em obra de arte. Portanto, a concepção nietzschiana de que o indivíduo só terá uma verdadeira salvação se estiver em contato com a arte, mesmo diante de uma realidade que se manifesta dolorosa para si, pode ser observada em “Autorretrato Com a Orelha Cortada” em consonância com o trágico nietzschiano.



Autorretrato com a orelha cortada, Van Gogh<sup>7</sup>

A maneira como o quadro é representado trazem grandes reflexões e interpretações diferentes, mas nesse presente trabalho a interpretação passa a ser em um ponto de vista que são baseados na maneira como Van Gogh colocava as emoções e angústias em uma interpretação nietzschiana que afirmava que a angústia é importante para a vida, pois a tonifica, renova, basta ter os olhos necessários para ver através de tudo que se julgou como doloroso, destrutivo. Assim como Nietzsche buscava juntar os dois instintos, o dionisíaco e o apolíneo, para se buscar a verdadeira arte,

<sup>7</sup> Disponível em: [https://arteearistas.com.br/autorretratos-de-vincent-van-gogh/#google\\_vignette](https://arteearistas.com.br/autorretratos-de-vincent-van-gogh/#google_vignette)

entende-se que na referida obra de Van Gogh esse pensamento pode ser vislumbrado: a junção de cores, algumas por vezes consideradas opostas a outras, resultou em obra de arte que simboliza a dualidade da vida e a superação de si.

Percebe esse lado de aceitação de vida em obra de arte “Autorretrato Com a Orelha Cortada”. Para que se rompa com o tradicionalismo, com a resignação, com a inércia e o comodismo, a dor é um incentivador, uma força que retira o sujeito da sua postura de passividade diante da vida, que exige um posicionamento sobre aquilo que atinge o indivíduo e requer uma postura diferenciada, um novo olhar sobre si, sobre o mundo, sobre os demais seres e coisas. A dor retira o sujeito da postura amorfa na qual se encontra muitas vezes desde o seu nascimento, pois assim foi ensinado, assim a própria sociedade deseja que ele seja, tipo normatizado e absolutamente controlável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Nietzsche encontra eco nas pinturas de Van Gogh justamente por ambos não se submeterem ao processos de nivelamento do indivíduo: os dois, cada um ao seu modo, esfacelaram as normas, as regras estabelecidas, para construírem suas formas singulares de pensar e se expressar. Nietzsche, filósofo ainda hoje intensamente atacado, representa a ruptura com o tradicionalismo, com o conformismo e toda forma de submissão e contentamento alienante. A filosofia é justamente transgressão, supressão, destruição que deve trazer em seu cerne também a renovação, o renascimento. A arte, em comum acordo com a arte, também possui tal tarefa: retirar o sujeito da comodidade e da massificação desumanizante. Neste sentido, tanto Nietzsche quanto Van Gogh foram bem-sucedidos

A obra de arte Autorretrato com a Orelha Cortada de Vincent Van Gogh é singular: exibe a sua visão de mundo e a forma como o via, colocada de uma maneira singular, com pinceladas fortes e carregadas de tinta, simples, mas forte, submergindo nos contrastes das cores, no jogo de luz e sombra. Mesmo tendo as obras sendo desqualificadas por serem consideradas frutos de um louco, o pintor não abandonou a arte, ao contrário, ampliou o seu conhecimento sobre ela e mostrou que mesmo diante de angústias podem ser extraídos obras primas.

A maneira como Van Gogh pintava estava muito à frente do seu tempo, talvez justamente pela forma como comprehendia e assimilava a vida: em uma carta ao irmão, afirmou que não queria pintar quadros, mas a vida. E o fez com maestria. Costumava pintar em momentos nos quais não se encontrava em crise, tal como Nietzsche, pensador este que pode ser encontrado interpretando-se filosoficamente a obra de Van Gogh trabalhada neste estudo titulado Autorretrato Com A Orelha Cortada.

A análise feita através de leituras interpretativas das referidas obras colocam em cena o trágico e a questão de que a dor é importante para poder se vislumbrar a possibilidade de uma nova aurora, tal como concebia Nietzsche. Tanto o pensador alemão quanto o pintor holandês comprehendiam a dor como uma ponte, uma travessia para uma nova margem: ela é indispensável para a fortificação do indivíduo, tal como Nietzsche apontou em *A Gaia Ciência*. O indivíduo moderno foge da dor, evita-a, teme ser por ela alcançado, esta ideia o repugna, aflige. Isto o torna, este sujeito hipersensível à dor, debilitado, intolerante ao sofrimento. Não sabe que a dor é um processo, um convite à mudança.

O amor fati, ideia que complementa o eterno retorno, traz uma reflexão para a grandeza da vida e do indivíduo: amar o destino. A ideia desse amor liga-se ao trágico de poder amar e

dizer sim à vida, pois não é apenas suportar o sofrimento, faz-se necessário amar o destino e afirmar o necessário, pois somente com essa afirmação e consentimento na vida o indivíduo terá uma alegria e abundância verdadeira.

O filósofo e o pintor encontram-se uma sintonia, pois ambos sofreram demasiadamente em vida, mas mesmo diante de todo sofrimento conseguiam transformar essas aflições em autonomia, liberdade de pensamento e expressão, em filosofia e arte. Portanto, toda a “loucura” que ambos expressavam era na verdade um trilhar particular, um direcionamento único que

cada um seguiu, em contramão à massa domesticada, que nada se criticava e a nada se opõem. Ambos se reafirmaram em vida, esca-

param da escravidão do pensamento e do tradicionalismo, instituíram o novo e o diferente em suas respectivas áreas, o que não torna difícil de compreender que estavam, e estão, muito à frente da época em que viviam.

Desta forma, podemos concluir que se todos pudéssemos ter a dor como elemento revigorante, não sofreríamos tanto, pois seria algo que compreenderíamos como natural. Em vez de lamentar, a dor seria um impulso de vida positivo, pois seria utilizada como instrumento que pode edificar o homem, ou seja, essa aflição pode fazer o indivíduo pensar de outras maneiras, mostrando que a angústia força o indivíduo a compreender suas próprias forças e afirmações de vida.

## REFERÊNCIAS

LENOIR, F. O poder da alegria/ Frédéric Lenoir; Trad. Alberto Almeida, —1<sup>a</sup> ed. — Rio de Janeiro; Objetiva, 2017.

NAIFEH, S. Van Gogh: a vida/ Steven Naifeh e Gregory White Smith. Trad. Denise Bottmann. —1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. A Gaia Ciência. Trad. de Paulo César de Souza. —1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. Ecce Homo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

\_\_\_\_\_. Além do Bem e do Mal — ou Prelúdio de uma filosofia do futuro. Trad. Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus Livraria, distribuidora e editora S.A.

\_\_\_\_\_. Crepúsculo dos Ídolos – ou como se filosofa com o martelo. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Humano, demasiado humano – Um Livro para Espíritos Livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. O Nascimento da Tragédia. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

GOGH, V. V. Cartas a Théo. Trad. Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 2020.